



DO MITO DA AUTONOMIA AO PESO DA SOBREVIVÊNCIA: O PREÇO INVISÍVEL DO EMPREENDEDORISMO CONTEMPORÂNEO

FROM THE MYTH OF AUTONOMY TO THE WEIGHT OF SURVIVAL: THE INVISIBLE PRICE OF CONTEMPORARY ENTREPRENEURSHIP

Cláudia Michelle de Andrade Bezerra   Faculdade Anhanguera, Ceará, Brasil.
Naianna Maria Morais Melo Izabel   Universidade Federal do Ceará, Ceará,
Brasil.



**Revista
Práxis em Saúde**

Ano III | Volume III | n II | Florianópolis | 2025 | ISSN: 2966-1056
DOI: <https://doi.org/10.56579/prxis.v3i2.2401>

DO MITO DA AUTONOMIA AO PESO DA SOBREVIVÊNCIA: O PREÇO INVISÍVEL DO EMPREENDEDORISMO CONTEMPORÂNEO

FROM THE MYTH OF AUTONOMY TO THE WEIGHT OF SURVIVAL: THE INVISIBLE PRICE OF CONTEMPORARY ENTREPRENEURSHIP

Cláudia Michelle de Andrade Bezerra¹
Naianna Maria Morais Melo Izabel²

Resumo: Este trabalho analisa os efeitos subjetivos e sociais da uberização do trabalho, destacando como o discurso do empreendedorismo, promovido como solução para o desemprego, encobre práticas de precarização. A partir do documentário Preço Invisível, de Ana Laís Carvalho de Sousa, que acompanha a rotina de um entregador de aplicativo em Tianguá (CE), realiza-se uma reflexão sobre a tensão entre autonomia e submissão algorítmica. O estudo adota uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentando-se em contribuições da psicologia social e da psicanálise. São articulados os debates de Ricardo Antunes e Zygmunt Bauman sobre trabalho e empreendedorismo, além das ideias de Freud em Psicologia das Massas e Análise do Eu, para compreender como os sujeitos internalizam o sofrimento em contextos coletivos. As narrativas escutadas revelam a solidão e o adoecimento psíquico provocados por metas inatingíveis, insegurança financeira e responsabilização pessoal. Ao valorizar o esforço individual como via de sucesso, o discurso empreendedor atual produz sujeitos que sofrem de forma solitária, apesar de imersos em uma lógica coletiva de realização. Conclui-se que o modelo de “ser o próprio chefe” reforça formas sutis de exploração e adoecimento emocional, tornando urgente o reconhecimento desse sofrimento como expressão de uma estrutura social desigual.

Palavras-chave: Uberização; Trabalho Informal; Empreendedorismo; Precarização do Trabalho; Saúde do Trabalhador.

Abstract: This paper analyzes the subjective and social effects of the uberization of work, highlighting how the discourse of entrepreneurship, promoted as a solution to unemployment, conceals precarious practices. Based on the documentary Preço Invisível, by Ana Laís Carvalho de Sousa, which follows the routine of an app delivery person in Tianguá (CE), the paper reflects on the tension between autonomy and algorithmic submission. The study adopts a qualitative, descriptive and exploratory approach, based on contributions from social psychology and psychoanalysis. The paper articulates the debates of Ricardo Antunes and Zygmunt Bauman on work and entrepreneurship, as well as Freud's ideas in Mass Psychology and Analysis of the Ego, to understand how individuals internalize suffering in collective contexts. The narratives heard reveal the loneliness and mental illness caused by unattainable goals, financial insecurity and personal responsibility. By valuing individual effort as a path to success, the current entrepreneurial discourse produces subjects who suffer in solitude, despite being immersed in a collective logic of achievement.. It is concluded that the “being your own boss” model reinforces subtle forms of exploitation and emotional illness, making it urgent to recognize this suffering as an expression of an unequal social structure.

Keywords: Uberization; Informal Work; Entrepreneurship; Precarious Work; Worker Health.

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade Anhanguera, E-mail: michelledeandrade.faculdade@gmail.com

²Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: naiannamorais@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma análise crítica da romantização do empreendedorismo contemporâneo, especialmente no contexto da uberização do trabalho e seu impacto na saúde mental do trabalhador. A ideia de "ser o próprio patrão", frequentemente apresentada como alternativa viável diante das dificuldades do mercado formal, mascara a realidade marcada pela insegurança, ausência de direitos e a constante pressão por produtividade (Antunes, 2018). Nesse cenário, destaca-se o documentário "Preço Invisível", produzido pela Profa. Ma. Ana Laís Carvalho de Sousa, como fruto de sua pesquisa de mestrado em Psicologia e Políticas Públicas na Universidade Federal do Ceará. A obra retrata o cotidiano de um entregador de comida por aplicativo, na cidade de Tianguá (CE), evidenciando, por meio de sua narrativa e vivência, os desafios impostos pela precarização travestida de autonomia e empreendedorismo. O objetivo deste trabalho é problematizar os efeitos subjetivos e sociais do contexto de uberização, articulando os discursos do empreendedorismo com as práticas contemporâneas de precarização do trabalho.

No cenário contemporâneo do trabalho, marcado por rápidas transformações tecnológicas e pela precarização das relações laborais, a uberização, termo abaixo descrito, representa uma nova forma de organização do trabalho, que se distancia dos modelos tradicionais com carteira assinada e direitos trabalhistas:

Termo usado para indicar a transição para o modelo de negócio sob demanda caracterizado pela relação informal de trabalho, que funciona por meio de um aplicativo (plataforma de economia colaborativa), criado e gerenciado por uma empresa de tecnologia que conecta os fornecedores de serviços diretamente aos clientes, a custos baixos e alta eficiência; [...] O termo é derivado do nome da empresa Uber Technologies Inc., uma multinacional americana que introduziu este novo tipo de negócio em vários setores e serviços (Academia Brasileira De Letras, [s.d.], online).

Esse modelo, embora prometa liberdade e flexibilidade, revela uma realidade marcada por jornadas exaustivas, insegurança financeira e a ausência de proteção trabalhista. Assim, a uberização, não apenas redefine o modo como se trabalha, mas também reforça a lógica neoliberal de responsabilização individual, em que o

trabalhador é visto como gestor de si mesmo, mesmo diante de estruturas que lhe negam autonomia real (Antunes, 2020).

Como aponta Kochhan (2021, p. 19), “saber o que é cada fato e o porquê de seu existir move o ser humano à construção de novos conhecimentos”. Nessa perspectiva, o relato de experiência sobre a participação no Pré-Congresso de Psicoterapia Brasileira (Pré-COPSIB), realizado na Faculdade Anhanguera na cidade de Sobral, configura-se como uma ferramenta metodológica valiosa, capaz de promover uma escuta crítica e sensível. Tal abordagem aproxima o olhar teórico da realidade vivida por sujeitos que enfrentam, diariamente, as contradições do mundo do trabalho precarizado.

Assim, o evento não apenas contribuiu para o aprofundamento do debate, como também ampliou o repertório reflexivo sobre práticas psicoterapêuticas comprometidas com a compreensão crítica da conjuntura sociopolítica que atravessa a vida dos indivíduos inseridos no mercado de trabalho dito autônomo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho configura-se como um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, orientado pela análise do contexto de trabalho dos entregadores, com base em referenciais da psicologia social, da psicanálise e da sociologia do trabalho. A experiência analisada refere-se a uma atividade realizada no dia 13 de março de 2025, das 19h às 22h, com estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera, Campus Sobral. A ação consistiu na exibição do documentário Preço Invisível, de autoria da Ms. Ana Laís Carvalho de Sousa, que discute as relações de trabalho e os processos de precarização, seguida de um debate coletivo.

Inspirado pela escuta e pela vivência dialógica suscitadas a partir da exibição do referido documentário, o presente estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em Minayo (2012), com o objetivo de acessar o tecido simbólico das experiências humanas. Utiliza-se o relato de experiência como metodologia de pesquisa com potencial para sistematização da construção do conhecimento científico (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Tal exercício é fundamental para fomento da

experiência científica enquanto elemento discursivo capaz de refletir práticas sociais e clínicas.

Deste modo, a elaboração da interpretação crítica da realidade exposta no documentário sobre o processo de precarização do trabalho foi articulada às contribuições teóricas de Antunes (2009, 2018, 2020), Freud (1921) e Bauman (1999, 2001). Essa perspectiva possibilita uma leitura plural e abrangente da realidade, considerando suas nuances e complexidades, com o objetivo de analisar os efeitos da instabilidade econômica e da precarização do trabalho sobre a noção de autonomia.

RESULTADOS

A análise baseou-se na leitura crítica de Ricardo Antunes sobre a transferência dos riscos laborais ao trabalhador no processo de informalização contemporânea, e em Freud, com *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), para compreender a angústia do trabalhador precarizado entre o pertencimento coletivo e a solidão estrutural. A reflexão também considerou a ambivalência descrita por Bauman (1999), evidenciando a incerteza e o desconforto vividos diante da instabilidade nas relações de trabalho.

O capitalismo, especialmente em sua fase atual marcada pela uberização das relações laborais, ao mesmo tempo em que flexibiliza as formas de inserção no mercado, transfere responsabilidades ao trabalhador e intensifica a precariedade das condições de trabalho (Antunes, 2020). A escuta das experiências relatadas pelo entregador evidencia como os discursos hegemônicos sobre empreendedorismo colidem com a prática vivida.

As longas jornadas, a falta de vínculos formais, a insegurança financeira e o risco diário no trânsito revelam que a prometida autonomia é, na verdade, condicionada por algoritmos que determinam trajetos, horários e remuneração (Antunes, 2018). Conforme assinala o autor, mesmo sem um chefe direto, o controle é exercido de maneira invisível e impessoal. A liberdade é ilusória e o trabalhador informal convive com a pressão constante e o medo de, por alguma eventualidade, não conseguir arcar com as despesas financeiras de sua família.

Essa ambivalência gera um tipo particular de sofrimento psíquico: o trabalhador sente que é livre, mas vive sob a exigência contínua de se provar eficiente (Bauman, 2001). A ausência de direitos e a dependência da própria produtividade criam uma armadilha emocional e social, na qual o fracasso é visto como responsabilidade individual, não como resultado de uma estrutura exploratória. O sofrimento se torna silencioso, individualizado e naturalizado. Como afirma Byung-Chul Han (2015, p. 28), “a sociedade do desempenho produz depressões e fracassos, pois nela se trava uma guerra de cada um contra si mesmo”. Essa lógica intensifica o esgotamento psíquico, transformando a liberdade em obrigação e o autocuidado em autocobrança permanente.

Ainda que a coletividade entre entregadores funcione como forma de cuidado e resistência, ela não é suficiente para suprir as lacunas deixadas pela omissão por parte das empresas de aplicativos. Bauman afirma que: “os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio” (2001, p.154). O apoio mútuo, embora importante, não supre a necessidade urgente do sustento, como evidencia o relato do entregador no documentário. Ele afirma que, se não trabalhar, não consegue comprar o remédio da esposa.

A obra freudiana *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), ajuda a compreender como o pertencimento à massa – ou à comunidade dos entregadores – alivia momentaneamente a angústia, mas não transforma a estrutura que a produz. Os vínculos emergem da urgência e da precariedade, não da escolha ou do reconhecimento social e cria uma espécie de alma coletiva que move a busca por sucesso. Em sua pesquisa sobre o comportamento social, Freud (p. 29) afirma que “a influência sugestiva da massa nos leva a obedecer a esta tendência à imitação, que induz em nós o afeto”. Nesse contexto, o trabalhador, seduzido pela idealização de ser dono do próprio negócio, acaba contagiado pelo discurso neoliberal difundido pela massa e permanece inserido na lógica exploratória do capitalismo. Embora o pertencimento ao coletivo proporcione momentos de amparo emocional, a instabilidade laboral, disfarçada de autonomia pela coletividade, não elimina a

vulnerabilidade estrutural. Ao contrário, revela a tensão entre o apoio coletivo e a solidão que atravessa a realidade do trabalho informal (Abílio, 2020).

Ao retomar as ideias de Bauman sobre a liquidez do mundo contemporâneo (2001), observa-se como essa fluidez reorganiza as dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, especialmente no contexto da uberização do trabalho, conforme discutido por Antunes (2020). O que antes era vivenciado em ambientes de trabalho fixos e protegidos, agora ocorre em contextos fragmentados e incertos. A liberdade de “fazer seus próprios horários” esconde a dependência da produtividade diária e encobre os velhos sofrimentos da classe trabalhadora, no que tange a condições dignas de vida e trabalho (Antunes, 2009).

Assim, é necessário refletir sobre como o capitalismo atual utiliza o discurso do empreendedorismo para ocultar relações de exploração. Ao invés de libertar, a narrativa da autonomia reforça a vulnerabilidade do trabalhador. O sofrimento, naturalizado como parte do jogo, torna-se silencioso e invisível (Antunes, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é preciso compreender que as raízes desse modelo de exploração não são recentes. Elas estão profundamente enraizadas na história do Brasil, um país cuja fundação se deu sob a lógica da exploração predatória. A cultura resultante dessa colonização moldou uma sociedade baseada na desigualdade estrutural, em que o trabalho é desvalorizado e o lucro está acima do bem-estar humano e ambiental.

Como lembra Bueno (2012), a cultura molda o indivíduo, e uma cultura exploradora forma comportamentos sociais que se perpetuam. A própria etimologia do termo “brasileiro” — originalmente designando os traficantes de pau-brasil — simboliza essa condição histórica de exploração. Não por acaso o termo linguístico, o substantivo usado para designar o indivíduo que nasce no Brasil é “brasileiro” - termo usado para os traficantes de pau-brasil – e não “brasilense”; posto que a regra gramatical padrão, é de que “ense” e não “eiro” deveria ser usado para referir-se a nacionalidade de quem nasce no Brasil (p. 55). Ou seja: brasileiro era quem, por volta do século XVII, explorava e especialmente, era explorado como mão de obra barata; aquele que era o braço da Coroa portuguesa na extração da riqueza da terra invadida

e colonizada. Cinco séculos depois podem ser vistas muitas das nefastas consequências culturais da exploração portuguesa.

As formas de exploração do capitalismo neoliberal retratam a extrema e estrutural desigualdade social, fruto de uma sociedade que não se percebe explorada quanto ao uso de seus recursos e força de trabalho, advinda da cultura arraigada do “brasileiro”.

É ponto pacífico que cada sociedade vai sendo moldada e moldando a partir da cultura, ou seja, uma sociedade se define por sua cultura (Freud, 1921). O indivíduo que nasce em uma sociedade já minimamente estabelecida, encontra uma cultura já minimamente estabelecida que o afeta, que o molda; principalmente quando falamos de uma cultura que está nas bases fundamentais formadoras de determinada sociedade.

A figura do trabalhador por aplicativo é a atualização contemporânea do explorado colonial: aquele que extrai, transporta e entrega, mas que permanece invisível e vulnerável. Mudar essa estrutura é um trabalho de longa duração, pois implica transformar uma cultura profundamente arraigada. No entanto, reconhecer essa condição e refletir criticamente sobre os fatos é um passo essencial para a construção de alternativas mais humanas e justas para os trabalhadores informais. Assim, conclui-se que essa discussão é especialmente relevante no campo da Psicologia Social e do Trabalho.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. **Uberização**: gerenciamento e controle do trabalhador just-in-time. In: ANTUNES, R(org). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.* – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso digital. (Mundo do trabalho). Formato: EPUB. p.171 -197

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Uberização**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/uberizacao>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão** [recurso eletrônico]: o novo proletariado de serviços na era digital / Ricardo Antunes. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018. Recurso Digital. (Mundo do trabalho). Formato: PDF

ANTUNES, L. C. (Ricardo Luis Coltro), 1953- **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. - [2.ed., 10. reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009. - (Mundo do Trabalho)

ANTUNES, R. (Org.). (2020). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0.** – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso digital. (Mundo do trabalho). Formato: EPUB

BAUMAN, Z. (1999). **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: 1 ed. - Jorge Zahar Editora.

BAUMAN, Z. (2001). **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. – 1. ed - Editora Zahar.

BUENO, Eduardo. **Brasil**: uma história: cinco séculos de um país em construção. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOCHHAN, A. **A produção acadêmica e a construção do conhecimento científico**: concepções, sentidos e construções. Goiânia; Kelps, 2021.

MUSSI, R.F.F; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B.. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2025. Epub 25-Nov-2021.

Submetido em: 10/04/2025 | Aceito em: 30/06/2025 | Publicado em: 18/08/2025